

# Tipo de parto não influencia a vida sexual da mulher, diz estudo

Pesquisa da USP seguiu 831 mães; corte na área genital também não tem impacto após seis meses

**Até três meses depois de o bebê nascer, só uma a cada cinco entrevistadas tinha retomado a vida sexual**

**CLÁUDIA COLLUCCI**  
DE SÃO PAULO

O tipo de parto influencia na sexualidade da mulher após o nascimento do bebê? Um novo estudo da USP que acompanhou 831 mães por quase dois anos diz que não.

O trabalho avaliou partos normais (com ou sem cortes) e cesáreas e derruba o mito de que, por preservar a região genital, a cesariana favorece a retomada da vida sexual.

“No Brasil é comum essa conversa de que o parto normal estraga o ‘playground’ do marido. A pesquisa mostra que a cesárea não traz nenhuma vantagem, não traz nenhuma proteção”, afirma a médica Simone Diniz, professora do departamento de saúde materno-infantil da USP.

O estudo, publicado no periódico “Journal of Sexual Medicine”, também gerou controvérsias entre as ativistas do parto humanizado ao apontar que a episiotomia (corte na região que fica entre a vagina e o ânus) não traz impacto à sexualidade.

“Mulheres submetidas a episiotomias relatam dor por anos. É difícil pensar em uma vida sexual plena sentindo dor”, afirma a obstetrix Ana Cristina Duarte, coordenadora da Gama (Grupo de Apoio à Maternidade Ativa).

Para o ginecologista Alexandre Faisal-Cury, pesquisador do Departamento de Saúde Preventiva da USP e autor principal do estudo, a episiotomia pode trazer algum impacto logo após o parto, mas isso tende a melhorar após os seis meses — as mulheres foram avaliadas entre seis e 18 meses após o parto.

A mesma opinião tem o médico obstetra Jorge Kuhn, defensor do parto normal sem episiotomia. “Após os seis meses, a maioria já se recuperou [da episiotomia]. Mas há casos em que a dor pode persistir por anos”, afirma.

Isso depende, entre outros fatores, do tipo de corte sofrido durante o parto. Os que envolvem lacerações profundas da musculatura vaginal ou que atingem a região anal tendem a ter uma recupera-



A funcionária pública Luciana Cunha, 33, que foi submetida a uma episiotomia no parto

ção mais difícil.

## LIMITAÇÕES

As mulheres que participaram da pesquisa tiveram seus filhos na rede pública de saúde de São Paulo. Tinham 25 anos, em média. As entrevistas aconteceram antes do parto e ao longo de 18 meses após o nascimento do bebê.

Quase um terço das entrevistadas (32%) foi submetida a cesáreas. Entre as que tiveram parto normal, 16% passaram por episiotomias.

Até três meses depois de o bebê nascer, só uma a cada cinco entrevistadas tinha re-

tomado a vida sexual. “É perfeitamente normal haver um declínio nesse período, é uma fase de ajuste na vida do casal”, afirma Faisal. Depois dos seis meses, 87% das mulheres relataram desejo sexual, mas 21% se queixaram de que ele era inferior ao que sentiam antes da gravidez.

Para a psiquiatra Carmita Abdo, coordenadora do Projeto Sexualidade, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, a queixa é comum. “A libido, o afeto e a atenção da mulher ficam direcionadas para o bebê.”

Para o autor da pesquisa,

tanto o desejo quanto o prazer feminino após a maternidade podem ser influenciados por outros fatores, como imagem corporal, saúde mental e situação do casamento.

O trabalho tem algumas limitações, como não ter questionado sobre a sexualidade antes da gravidez. “Se elas já tinham uma vida sexual ruim antes, continuará ruim depois do bebê”, pondera Carmita.

Também há a hipótese de que muitas mulheres não se sintam confortáveis em falar de sexo, o que comprometeria os resultados. “Sexualidade ainda é tabu”, diz Kuhn.

“Desde que minha filha nasceu, não tenho vida sexual”

DE SÃO PAULO

O fato de o estudo da USP não ter apontado impactos da episiotomia (corte na região genital) na vida sexual dos casais causou controvérsia entre grupos de mães críticos ao procedimento. A funcionária pública Luciana Cunha, 33, por exemplo, afirma que não consegue ter relações sexuais com o marido desde que a filha nasceu, há um ano e meio, em função da episiotomia. (cc)

★

“Tive uma gravidez tranquila, acompanhada por uma doula. Ficamos em trabalho de parto em casa e só fui para a maternidade quando já estava pronta para ter a minha filha. Estava com dez centímetros de dilatação. A enfermeira que me examinou até brincou: ‘Chame o doutor que ela está nascendo.’”

Minha obstetra estava de férias e fui atendida por um médico de plantão. Ele foi taxativo: ‘Se não nascer em duas horas, vou tirá-la daí’. Após duas horas e dez minutos, ele iniciou o parto. Alargou com a mão o meu períneo, provocando uma laceração. Depois, disse que precisava fazer a episiotomia, mesmo contra a minha vontade.

Senti muita dor. Não foi um corte grande, mas fiquei traumatizada. Até hoje, quando me lembro do parto, fecho as pernas por instinto. Tenho pavor só de pensar em voltar ao hospital e cruzar novamente com aquele médico. Pensei em processá-lo, mas o terror de ter que me encontrar com ele frente a frente foi maior do que o meu desejo de justiça.

Desde que a minha filha nasceu, não consigo pensar em ter relações sexuais com o meu marido. Isso já faz um ano e meio. O medo de voltar a sentir dor é algo que me paralisa.

Estou fazendo tratamento psicológico para tentar superar isso e tocar a vida.”